

ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO *ITINERÂNCIAS DE UM ACERVO: OBRA GRÁFICA DE NILZA HAERTEL*

BRUNA ANTIQUEIRA DA SILVA¹; LAUER ALVES SANTOS.²

¹Universidade Federal de Pelotas – bsantiqueira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– lauersantos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo analisar a exposição de arte “Obra gráfica de Nilza Haertel: Itinerâncias de um acervo”, localizada no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, na Galeria Marina de Moraes Pires, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. A análise da exposição seguiu os fundamentos de expografia e curadoria apresentados na disciplina de Tópicos Especiais em Curadoria, do curso de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Foram levados em consideração os seguintes aspectos, título da obra, conceito, iluminação, altura dos quadros e sua centralização linear, o espaço ou sala para exposição, os visitantes e seus deslocamentos, assim como sua relação com as obras.

Este trabalho buscou analisar a maneira com a qual as pessoas se deslocam e se relacionam com as obras que constituem a exposição supracitada, a fim de que, fossem extraídos conclusões e resultados quanto às propostas de curadoria aplicadas no local.

2. METODOLOGIA

O estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica quanto às práticas de expografia e curadoria adotadas na exposição em discussão. Além disso, utilizou-se o software AutoCad para ilustrar um esquema de planta baixa da galeria em que estão expostas as obras. Ademais, foram observadas visitas no Museu de Arte anteriormente citado.

Dessa forma, a análise teve por finalidade observar o espaço e os corpos que o ocuparam em um intervalo de 60 minutos, entre 15h:30 e 16h:30 do dia 09 de julho de 2019.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas observações e nos apoios bibliográficos, foi possível constatar que a exposição “Itinerância de um acervo: Obra gráfica de Nilza Haertel” propõe uma fluidez em seus percursos. Ao analisar os deslocamentos dos corpos, ficou nítido o conceito da exposição, em que o próprio nome denuncia o ideal de movimento, fazendo um contraponto entre as itinerâncias da artista Nilza Haertel e os visitantes que compõem o espaço da galeria.

É pertinente relatar sobre a iluminação do local objeto de estudo, já na primeira visita foi possível observar uma certa incomodação quanto a luz que adentrava as janelas da fachada do museu e percorria as portas da galeria, projetando-se nas litogravuras enumeradas de 10 a 14 no esquema de planta baixa. No momento em questão, o visitante além de ter dificuldade em observar a

obra e por consequência enxergar seu reflexo e de todo o ambiente, também encontrou dificuldades para capturar imagens.

Além disso, foi possível observar a curiosidade dos visitantes com as obras 9 e 10, haja vista a montagem in loco através da curadoria, nesses locais os visitantes permaneciam por um tempo maior em comparação com as outras obras, levando cerca de 5 a 10 minutos observando os encaixes entre as gravuras e as pinceladas da artista. Ademais, é importante pontuar sobre as alturas dos quadros e gravuras, Neufert afirma em seu livro “Arte de Projetar em Arquitetura” sobre o cuidado com a centralidade e a altura das obras expostas, “O bordo inferior do quadro não deve ficar a mais de 70cm por baixo do plano horizontal da vista. Este limite só se ultrapassará em caso de quadros muito grandes[...]”, (NEUFERT, 1998, p. 412). Na exposição as alturas seguem, normalmente, 1 metro e 20 centímetros de altura do piso ao bordo inferior, e em alguns casos de 90 centímetros a 1 metro de altura, em gravuras e quadros maiores, assegurando a altura ideal indicada por Ernst Neufert.

Dessa forma, atenta-se para a qualidade visual da exposição, tendo em vista a importância do conforto dos corpos e sua ergonomia, a fim de garantir que os objetos em exposição não ponham em risco o bem-estar dos visitantes.

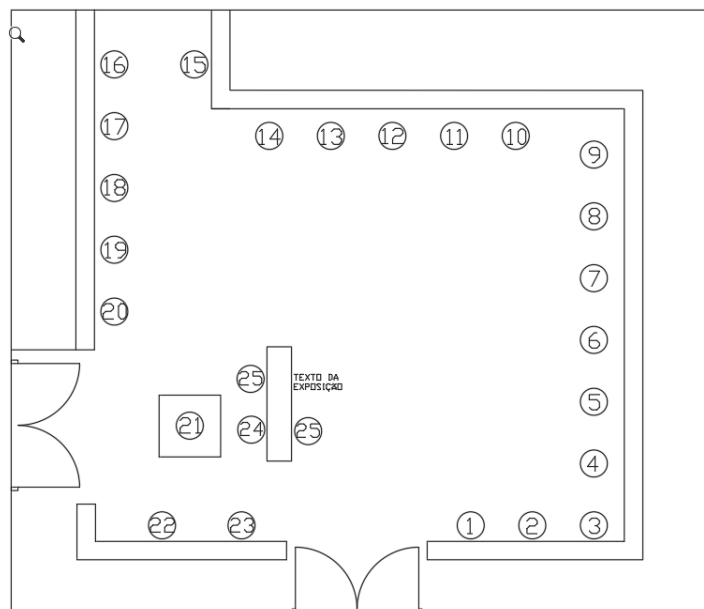


FIGURA I – Esquema de planta baixa da galeria, utilizando o software AutoCad. Fonte: autor (2019).



FIGURA II: A – Quadros e gravuras enumerados de 1 a 9, na figura I; B – Quadros e gravuras enumerados de 10 a 14, na figura I; C – Quadro enumerado em 15, na figura I. Fonte: elaborado pelo autor (2019).



FIGURA III: A – Quadros e gravuras enumerados de 16 a 20, na figura I; B – Quadros e gravuras enumerados de 21 a 25, na figura I; C – Quadro enumerado em 26 e texto sobre a obra, na figura I.

4. CONCLUSÕES

Em virtude dos fatos aqui apresentados, é possível concluir que a exposição estudada possui diversos fundamentos positivos do ponto de vista da expografia e da curadoria, práticas que tornam o espaço confortável para quem o visitar. Entretanto, é indispensável afirmar também quanto aos problemas de iluminação, que o espaço proporciona e que devem ser contornadas quando possível.

Portanto, ainda que apresente difuldade em pontos específicos, a exposição possui uma notável qualidade no que tange ao bem-estar dos corpos e à visualização das obras. Além disso, o conceito da obra está intrinsecamente relacionado com o lugar, a exposição apresenta, assim, uma relação direta com o espaço, as obras e os corpos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KIEFER, Flávio. **Arquitetura de Museus**. ArqTexto, UFRGS Propar, 2. sem. 2000. Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_1/1_Kiefer.pdf. Acesso em: 9 jul. 2019.

NEUFERT, Ernst. **Arte de Projetar em Arquitetura**. 13ª ed. São Paulo, 1998.

PEREIRA, Matheus. **Guia de expografia: o que levar em conta ao montar uma exposição**. ArchDaily, 23 maio 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/894949/guia-de-expografia-o-que-levar-em-conta-ao-montar-uma-exposicao>. Acesso em: 9 jul. 2019.